



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO,
PESQUISA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA**

**CIDADE E SOCIEDADE: O OLHAR DAS
CRIANÇAS SOBRE A PAISAGEM DE SANTANA
DO ARAGUAIA-PA**

PROJETO DE EXTENSÃO

1. - IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO	
a) TÍTULO DO PROJETO:	SOCIEDADE E CIDADE: O OLHAR DAS CRIANÇAS SOBRE A PAISAGEM DE SANTANA DO ARAGUAIA-PA
b) GRANDE ÁREA DE CONHECIMENTO: (de acordo com o CNPq)	6.04.00.00-5 Arquitetura e Urbanismo
c) ÁREA DE CONHECIMENTO: (de acordo com o CNPq)	6.04.04.00-0 Paisagismo
d) SUB ÁREA: (de acordo com o CNPq)	6.04.04.04-3 Projetos de Espaços Livres Urbanos
e) INSTITUIÇÃO:	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA
f) INSTITUTO/CAMPUS:	Instituto de Engenharia do Araguaia – IEA
g) UNIDADE EXECUTORA:	Instituto de Engenharia do Araguaia – IEA
h) ENDEREÇO:	Rua Geraldo Ramalho S/N, Centro
i) MUNICÍPIO/UF:	Santana do Araguaia – PA
j) CEP.:	68560-000
k) TELEFONE:	2101-5936
l) E-MAIL:	kakamassari@hotmail.com
m) COORDENADOR DO PROJETO:	Karliane Massari Fonseca
n) OUTRAS INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES:	-

PROJETO DE EXTENSÃO

2. - EQUIPE DO PROJETO						
Matrícula	Nome completo	Tipo*	Titulação Máxima	Unidade/ Departamento	Função no Projeto	Carga Horária no Projeto
	Karliane Massari Fonseca	PE	Doutoranda em Urbanismo	UNIFESSPA/IEA	CD	15
	Hamilton Damasceno Costa	PE	Mestre em Estruturas e Construção Civil	UNIFESSPA/IEA	CL	5
	Leandro Gracioso de Almeida e Silva	PE	Doutor em Historia	UNIFESSPA/IEA	CL	5
	Roberto Bernardo da Silva	PE	Doutor em Transportes	UNIFESSPA/IEA	CL	5
	Amanda Karoline da Silva Souza	DS	Graduanda em Arquitetura e Urbanismo	UNIFESSPA/IEA	CL	5
	Beatriz dos Santos Cardoso	DS	Graduanda em Arquitetura e Urbanismo	UNIFESSPA/IEA	CL	5
	Marinete Almeida da Silva	DS	Graduanda em Arquitetura e Urbanismo	UNIFESSPA/IEA	CL	5
	Rebeca Castro Souza	DS	Graduanda em Arquitetura e Urbanismo	UNIFESSPA/IEA	CL	5
	Victoria de Souza Silva	DS	Graduanda em Arquitetura e Urbanismo	UNIFESSPA/IEA	CL	5

*PB: Professor Bolsista de Agência de Fomento (Capes, CNPq, DAAD, etc...)

PE: Professor Permanente (lotado no centro em que pertence o projeto)

PP: Professor Participante (lotado em outro centro)

PPE: Professor Participante Externo

PV: Professor Visitante

TA: Técnico Administrativo

TE: Técnico Administrativo Externo

DS: Discente

** CD: Coordenador

CL: Colaborador

CS: Consultor

PROJETO DE EXTENSÃO

3 - INTRODUÇÃO

Este projeto propõe o diálogo entre docentes, discentes, comunidade universitária e a população em geral, com vistas a investigar e aplicar práticas participativas que colaborem na percepção da paisagem urbana do município de Santana do Araguaia-PA, que se configurará dentro da sala de aula, através de oficinas, cursos, exposições, etc., junto à comunidade, a partir dos saberes e olhares dos alunos das escolas locais, referentes aos espaços públicos e áreas verdes existentes. Trata-se da leitura comunitária dos aspectos e característica da cidade, que conta com o engajamento participativo das crianças, professores e discentes universitários, na identificação das potencialidades e problemas específicos apresentados no contexto local. Para tanto, é necessário introduzir a temática das transformações que as cidades vivenciam, como arcabouço teórico para a compreensão sócioespacial identificados nos diversos territórios urbanos, bem como o entendimento sobre a paisagem e a participação social, que estabelecem o recorte específico para a presente pesquisa.

As problemáticas herdadas desde à introdução da Revolução Industrial, no século XVIII, com a mais pura força do capital e divisão do trabalho, corroborou com as desigualdades já impregnadas da colonização, que segundo Mignolo (2017) foi escondida por meio das narrativas “eurocêtricas”. Atualmente vivenciamos uma série de consequências em todas as esferas: econômicas, sociais, culturais, ambientais, etc., que ainda são reforçadas com o neoliberalismo e todos os seus mecanismos de manutenção dos privilégios as classes dominantes.

As cidades, hoje, enfrentam ante os limites da natureza uma série de problemáticas que devem ser retratadas nos debates contemporâneos, nos métodos de ação, nas dinâmicas das tecnologias de informação e comunicação e nas cidades hipertextos, que são caracterizadas na terceira revolução urbana¹, ou urbanismo do século XXI. E a partir dos modelos de ensino e sobre a ótica das demonstrações tímidas que se mostram em nosso contexto atual, grande parte do planejamento das cidades não busca levar em consideração a conexão da sociedade com o seu território e muito menos com as ações diversas que relaciona a natureza e a realidade urbana e social dos seus moradores.

É nesse sentido que devemos pensar sobre as várias implicações que essas mudanças geram e podem gerar para os diferentes contextos sócio-político-econômico da cidade, bem como em seus aspectos físicos, configurados nos espaços urbanos. A paisagem para Besse (2014) é concebida através de sua representação cultural e social, que está relacionada ao sujeito

¹ A terceira revolução urbana moderna ou o urbanismo do século XXI tem como característica o surgimento das metápoles, que para Ascher (2010) significa um novo tipo de território urbano advindo a partir de um duplo processo de metropolização, que dá origem ao processo de metapolização e é representada pela economia cognitiva, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) e as cidades hipertextos.

individual e coletivo do homem, seja a partir de sua expressão, discurso ou imagem. O autor acrescenta, ainda, que outro aspecto deve ser levado em consideração diante dessa abordagem representacional da paisagem, que está configurado em sua dimensão de objetividade prática, sua materialidade espacial. É nesse sentido que podemos compreender a significativa importância da paisagem para a história da humanidade, que está intrinsecamente ligada com a sociedade e a cidade.

Efetivamente, nessa perspectiva, o valor paisagístico de um lugar não é considerado unicamente do ponto de vista estético (embora também o seja), é considerado mais em relação com a soma das experimentações, dos costumes, das práticas desenvolvidos por um grupo humano nesse lugar. (BESSE, 2014. p.27).

Para se obter um recorte mais aprofundado relacionado ao contexto da paisagem urbana, nos concentramos diante das áreas verdes e espaços públicos como objetos de estudo. A área verde, hoje, é entendida como fundamental para as cidades, pois trazem benefícios ambientais (absorção das chuvas, redução da poluição, etc.), sociais (oferta de lazer, melhoria da qualidade de vida, estética) e econômicos (valorização imobiliária) (COLCHETE; PEDROSO; BRAIDA, 2014). E de acordo com o Conselho Nacional do Meio Ambiente a área verde consiste “o espaço de domínio público que desempenha função ecológica, paisagística e recreativa, propiciando a melhoria da qualidade estética, funcional e ambiental da cidade, sendo dotada de vegetação e espaços livres de impermeabilização” (BRASIL, 2020).

Já os espaços públicos, hoje, são dotados de uma infinidade de tessituras. Costa (2014, p.171) acredita que o espaço físico público é produto das relações humanas, onde se desenvolvem a vida dos cidadãos e para tanto devem ser pensados e construídos “para atender aos seus usuários e criadores nas suas mais variadas aspirações e sentimentos”. Para Certeau (2009), o cotidiano está contido, também, nas práticas sociais, mas ainda não é totalmente compreendido ou dominado. E por isso a importância de se estudar o espaço construído em função das ações que os usuários ou a comunidade revelam nas suas mais diversas possibilidades.

Pronsato (2005) destaca, também, o papel central da ação humana, da população, da sociedade como principal configuradora das transformações da paisagem e dos lugares de vida. A autora acrescenta ainda, que a paisagem é entendida através de uma construção coletiva, que expressa de acordo com seu momento histórico, a estrutura social e política do espaço, bem como sua infraestrutura, que muitas das vezes têm suas representações manipuladas com o objetivo de perpetuar a dominação do setor privilegiado sobre a maioria da população. Rolnik (2000) enfatiza que esse cenário de privatização dos espaços públicos propicia um encolhimento da própria noção de espaço público, que acabam sendo atribuídos, somente, como espaços de circulação de mercadorias e mercadorias humanas.

Essa compreensão do espaço, a partir do recorte com a comunidade, se torna essencial para os arquitetos e urbanistas, no que concerne o entendimento das questões funcionais, estéticas e sociais. Para a percepção desse espaço físico urbano é interessante, a priori, analisar os conceitos de construir e habitar para o filósofo Heidegger (1954), que foram revelados em uma conferência em 1951, onde para ele o construir é a forma de habitar no mundo, que não necessariamente correspondem às habitações, as residências propriamente ditas, mas sim no habitar os lugares onde a vida acontece.

Uma ponte, um hangar, um estádio, uma usina elétrica são construções e não habitações; a estação ferroviária, a auto-estrada, a represa, o mercado são construções e não habitações. Essas várias construções estão, porém, no âmbito de nosso habitar, um âmbito que ultrapassa essas construções sem limitar-se a uma habitação. Na auto-estrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. (HEIDEGGER, 1954, p.1).

O autor acrescenta ainda que esse habitar para muitos é dado a partir das referências dos lugares, mas está contida na condição que o homem se encontra no mundo, no seu pertencimento que é caracterizado para o autor pela quadratura (HEIDEGGER, 1954). Essa quadratura para ele é constituída como uma unidade, onde um não existe sem o outro, como aspectos co-pertinentes no mundo e do ser do homem, que se encontra no ser-com-os-outros, ser-junto-as-coisas e ser-em-função-de-si-mesmo (JESUS, 2007). Logo, habitar significa morar junta as coisas. Esse entendimento de estar com o outro também é corroborado por Paulo Freire (2019), quando retrata a importância do ser humano não só como objeto, mas como sujeito inserido no mundo através da percepção no mundo, com o mundo e com os outros.

Essas reflexões se fazem pertinentes no presente trabalho, pois o habitar a cidade ou o território urbano significa partilhar os espaços e lugares, significa morar e habitar com os outros. Nada mais importante para a compreensão dos processos participativos e envolvimento da comunidade, na medida em que os projetos urbanos e a arquitetura são feitos para as pessoas. E entendo essa importância da correspondência com os seus usuários/clientes é que identificamos a pertinência de trazer à tona a comunidade nas decisões projetuais.

Para Sennett (2013), o urbanismo é uma habilidade ameaçada, pois atualmente ele é muito homogêneo e rígido em sua forma, e não traduz as experiências pessoais e compartilhadas, ou seja, não revela seu contexto social. O que é justamente investigado neste projeto, através da busca do entendimento e percepção da paisagem, a partir dos alunos/moradores, que trazem a relevância desse “urbanismo com as pessoas” e não “para as pessoas”.

A necessidade da participação das pessoas nos processos projetuais do ambiente construído se caracteriza pela impressão das escolhas e preferências desses usuários nas decisões

que moldam de certa forma suas vidas e devem ser feitas através do trabalho em conjunto com as experiências dos arquitetos e planejadores, pois eles devem auxiliar as pessoas a se envolverem nessas decisões. Segundo Bordenave (1994) a participação é dada através do ato de fazer coisas com o outro, de partilhar, que pode ou não interferir nos processos de decisões.

A participação, assim, engloba uma cumplicidade entre o sujeito e o espaço projetado, onde os grupos sociais devem estar envolvidos com o processo para que sejam espaços identificados de um “consumo verdadeiro” (COSTA, 2014), espaços de verdadeira qualidade e apropriação. E essa participação pode ser representada nos pensamentos do Sennett (2013), com a ideia do cooperativismo como forma de aprofundamento e habilidade das experiências cotidianas, ou seja, uma experiência adquirida, que dão certa fundamentação as ideias e recorte do significado da participação social para a presente pesquisa.

O ato participativo para a arquitetura e urbanismo corresponde a uma arquitetura mais cidadã, mais credível e socialmente relevante, onde o foco esta na concepção de propósitos mais democráticos e de inclusão para proporcionar qualidade de vida a todos os cidadãos (MOCKBEE, 2004). “Para ter um impacto real nas comunidades, o trabalho deve ser feito com elas e não para elas” (YOUNG, 2004, p.95, tradução da autora). É por isso que Sennett (2013) acredita que a partir do entendimento das habilidades materiais e da cooperação social é que teremos novas ideias e maneiras para gerar cidades mais bem-feitas.

Assim, o “modelo” de desenho com a comunidade possui outra estrutura de desenvolvimento que se faz com toda a comunidade, onde ela se torna o contratado, participa do desenvolvimento e é usuário final, diferentemente do habitual, em que o projeto de arquitetura tem um desenvolvedor, um contratado e um usuário final distintos (CURRY, 2004). Essa espécie de estrutura que buscamos, aqui, revela um processo diferente que permite uma diversidade de camadas (MAZZANTI, 2014; CURRY, 2004).

As ações e experiências participativas encontradas nos territórios urbanos e rurais buscam antes os benefícios coletivos ao invés dos individuais. E na visão de Harvey (2015), estão constituídas nos espaços de utopias ou de esperanças.

A maneira como nossa imaginação individual e coletiva funciona é portanto crucial para definir o trabalho da urbanização. A reflexão critica sobre nosso imaginário envolve todavia tanto enfrentar o utopismo oculto como ressuscitá-lo a fim de agir como arquitetos de nosso próprio destino em vez de como “impotentes marionetes” dos mundos institucionais e imaginativos que habitamos”. (HARVEY, 2015, p. 211).

Desta maneira é possível caracterizar nesse projeto de pesquisa e extensão como uma utopia realizável² ou uma quebra dos paradigmas urbanos, que compreendem “uma necessária

² Para Friedman existem as verdadeiras utopias, aquelas que podem ser realizáveis, ao que ele chama de “utopie relizable” (utopias realizáveis), que intitula o seu próprio livro. As utopias realizáveis na concepção do autor

refundamentação teórico-prática da arquitetura” (MONTANER, 2017, p. 7), onde o campo do urbanismo deve-se voltar para a construção de ações possíveis presentes nas particularidades de cada contexto, que são apontadas nos vários coletivos, ONG"s, comunidades, arquitetos, ativistas, etc, ou aqui, na intenção de uma mudança de paradigma frente ao ensino e a práxis da arquitetura e urbanismo, bem como a relação entre o saber científico e tradicional e a relação do arquiteto/usuário e o professor/aluno.

4 - JUSTIFICATIVA

O surgimento desta pesquisa está atrelada a vários aspectos percebidos no cotidiano da cidade de Santana do Araguaia-PA, que correspondem ao: déficit/precarização dos espaços livres públicos e áreas verdes; necessidade de caracterização da paisagem urbana; urgente promoção de políticas públicas voltadas ao direito à cidade; e maior integração da UNIFESSPA com a sociedade/comunidade. Esses aspectos percebidos no contexto local nos faz refletir sobre a necessidade do levantamento dessas problemáticas socioespaciais da cidade como forma de denúncia para possíveis mudanças. A mudança do mundo para Freire (2019, p.77) está diretamente ligada a “dialeção entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho”, que segundo o autor se fará presente através da ação político-pedagógica, não importando a natureza do projeto (alfabetização de adultos ou de crianças, sanitária, evangelização, formação de mão de obra técnica etc.).

Através de parceria com os colégios localizados no território urbano do município de Santana do Araguaia-PA, ainda a serem identificados e selecionados, é que o projeto de extensão busca integrar a comunidade escolar e a universidade através de práticas participativas para reconhecimento das potencialidades e problemáticas apresentadas pela paisagem urbana local. Os resultados obtidos com esta ação, além do reconhecimento e valorização da paisagem urbana da cidade, visa à integração entre a comunidade local e a universidade, consoante a formação cidadã dos estudantes de arquitetura, que possibilita a construção de um saber mais horizontal e coletivo.

Diante disso, se torna cada vez mais importante a busca da relação do arquiteto com a sociedade, na perspectiva de traduzir os desejos da coletividade ou comunidade local, que está caracterizado na formação do arquiteto-cidadão. Para Mockbee (2004), o status do arquiteto cidadão traduz as necessidades físicas e sociais em soluções que transformam a arquitetura mais digna. Sendo assim, o arquiteto e urbanista contemporâneo se transforma, também, em um articulador social, considerando em seus projetos as demandas dos futuros usuários.

possuem três axiomas, que são: “A – as utopias nascem de uma insatisfação coletiva; B – elas só podem nascer se houver um remédio conhecido (uma técnica ou uma mudança de conduta), suscetível de colocar fim à essa insatisfação; C – uma utopia só pode se tornar realizável si ela obtém um consentimento coletivo”. (FRIEDMAN, 2000, p. 18, tradução livre da autora).

Nesse sentido, o projeto de extensão busca estabelecer relações com a comunidade local, a partir de uma metodologia participativa, que contribuirá, finalmente, para a formação de acadêmicos que respeitem e compreendam o papel do extensionistas da universidade, que se dá a partir de um envolvimento direto com a sociedade, criando oportunidades de transferência mútua de conhecimentos. Assim, o projeto pretende proporcionar vivências e encontros com gestores de unidades escolares, professores e alunos, na elaboração de minicursos, oficinas, exposições e aulas que discutam temáticas voltadas ao meio ambiente, o papel do arquiteto, o direito a cidade e a importância da participação social para as conquistas desses direitos. São ações que irão estimular as habilidades dos alunos na percepção da cidade, na expressão da criatividade, na composição da forma, na absorção do saber local e prática participativa.

Devido à carência de um diálogo maior do Instituto de Engenharia do Araguaia-IEA/UNIFESSPA com a comunidade é que o papel da extensão se fará presente e urgente, pois busca a criação de um espaço de diálogo entre a comunidade local e a universidade de forma a contribuir para a identificação ou emergência de paisagens no território urbano de Santana do Araguaia-PA. Esse caráter do projeto se integra as diversas metas e estratégias do Plano Nacional de Educação de 2014 (Lei 13.005) e a Constituição Brasileira (BRASIL, 2016) - Art. 207, que dispõe sobre o gozo e autonomia das universidades na obediência ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2012, p.42).

A extensão Universitária denota outra postura da Universidade na sociedade em que se insere, promovendo uma interação que transforma não apenas a Universidade, mas também os setores sociais com os quais ela interage que se traduz em uma ação de mão dupla: da Universidade para a sociedade e da sociedade para a Universidade. Assim, pressupõe-se que o conhecimento gerado pelo ensino e pesquisa da Universidade chegue até a sociedade através da relação, nesse caso, dos alunos e professores/gestores das escolas e os discentes/professores do IEA/UNIFESSPA.

A identificação dessas paisagens será construída a partir das experiências e memórias cotidianas com foco nos espaços livres e as áreas verdes locais, tanto na escala arquitetural (casa), como na escala urbana (cidade). O olhar infantil para o projeto traz compreensão e desenvolvimento da imaginação das crianças como agentes no processo de pensar os espaços públicos, que contribui na construção de um diálogo entre crianças e adultos.

Emerge, assim, outro conceito de “sala de aula”, que não mais se limita ao espaço físico tradicional de ensino-aprendizagem. “Sala de aula” são todos os espaços, dentro e fora da Universidade, em que se apreende e se (re)constrói o processo histórico-social em suas múltiplas

determinações e facetas. O eixo pedagógico clássico “estudante - professor” é substituído pelo eixo “estudante - professor - comunidade”.

Outro aspecto a ser levantado, para importância de tal pesquisa, é a desconstrução dessa dicotomia entre conhecimento científico e tradicional, visto que o conteúdo relevante para participação social se trata não apenas do saber técnico-científico, mas, sobretudo, do saber local. Segundo Lévi-Strauss (1989) a diferença entre os conhecimentos científicos e tradicionais é dada a partir da lógica dos conceitos e a lógica das qualidades sensíveis, ou seja, o primeiro lida com a universalidade dos conceitos, ao que Kuhn (2013) chama de paradigma³, e o segundo lida com as percepções. Esse conhecimento tradicional, segundo Cunha (2007), é também chamado de saber ecológico tradicional, que corresponde ao conhecimento que as populações locais têm do seu entorno, detalhes do ciclo anual, das espécies animais, vegetais, etc. Trata-se do saber da realidade, a importância e necessidade do olhar para fora, aplicar conhecimentos e agregar mais com o dia a dia e vivência do saber.

E para a participação social essa capacidade de reconhecimento dos conhecimentos locais se faz mais que necessário, pois são as fontes locais que representam o potencial de desenvolvimento urbano daquele entorno. Portanto, esses saberes muitas das vezes “marginalizados”, seja na esfera urbana ou rural, devem ser valorizados frente à participação desses atores locais, sendo eles da favela, imigrantes, nordestinos, índios, ribeirinhos, etc.

Diante disso, este projeto de pesquisa e extensão busca identificar e mapear a paisagem urbana, no que tange as áreas verdes e os espaços livres da cidade na busca de uma valorização dessa paisagem local e preservação ambiental para a produção de um habitat socialmente e ambientalmente mais digno e justo. O resultado será obtido em cada visita dessas ações nas escolas, a serem definidas, que culmine na produção de materiais a partir de inúmeras manifestações artísticas, seja de registro fotográfico, desenhos, textos, exposições, teatros e etc., que auxiliarão nas pesquisas e trabalhos acadêmicos, pedagógicos e, principalmente, para fins de implementação de políticas urbanas. E ao final, pretende-se criar uma página web que divulgue essas ações feitas e proporcione o conhecimento e o reconhecimento da paisagem urbana da cidade. Vale ressaltar que a referida página web tem o intuito de ser alimentada com outras iniciativas de pesquisa e extensão do próprio IEA/UNIFESSPA.

5 - OBJETIVOS

³ Para Kuhn (2013), os paradigmas são uma forma de projeto em que o indivíduo se compromete com alguma coisa concreta para a reconstrução da sociedade a partir de uma nova teoria, ideia ou estrutura, ou seja, são formas de orientação para o conhecimento científico, pois cumprem a finalidade de facilitar a integração, através da assimilação de uma espécie de mapa, ou seja, um roteiro que seria necessário para o suporte básico de conhecimento à concepção e recepção das teorias, dos problemas e das soluções científicas.

O objetivo deste projeto de pesquisa é capturar a percepção da paisagem dos alunos/crianças das escolas públicas (municipais e estaduais) de Santana do Araguaia-PA, através de suas experiências no contexto urbano, priorizando o uso das áreas verdes e seus espaços públicos.

Objetivos Específicos:

- Compreender a importância e necessidade dos espaços livres públicos e áreas verdes;
- Levantar as principais questões relacionadas ao contexto urbano da cidade e sua paisagem;
- Aprender as metodologias de análise urbana baseadas no conceito da percepção da paisagem;
- Mapear os espaços livres públicos e as áreas verdes da cidade;
- Identificar as potencialidades e problemáticas da cidade referentes ao direito à cidade, priorizando os aspectos paisagísticos;
- Investigar métodos e experiências participativas para aplicação nas escolas a serem visitadas;
- Integrar o saber local das crianças e professores ao saber técnico dos discentes e docentes do curso de Arquitetura e Urbanismo do IEA;
- Promover a interface entre Academia e comunidade local;
- Divulgar o papel da universidade pública e sua importância para a produção científica tecnológica e social;
- Articular a importância da percepção da paisagem no processo de planejamento e criação de políticas públicas;
- Produzir novas metodologias de ensino e pesquisa, que compreendam a participação social como foco;
- Evidenciar a fundamental importância do papel do espaço público para a compreensão da cidade contemporânea.

6 - METODOLOGIA

Para alcançar tais objetivos, a metodologia desta pesquisa é composta por:

- (1) Revisão bibliográfica:** Será feita coleta de dados às diversas fontes de pesquisa para o desenvolvimento e embasamento teórico da pesquisa, que se fazem presentes em: livros, dissertações, teses e artigos, que contemplem assuntos e informações referentes ao estudo;
- (2) Análise documental:** Será feito um levantamento e análise das metodologias

participativas em ambiente escolar que relacione o contexto da cidade e, principalmente, a percepção da paisagem urbana;

(3) Prática participativa: Das múltiplas possibilidades de articulação entre a Universidade e a sociedade e através da seleção da metodologia mais adequada a ser aplicada nas escolas será trabalhado com os alunos a busca da percepção da paisagem urbana (leitura técnica e comunitária), a partir de apresentações e representações: oral, textos, gráficos, fotografias, imagens, maquetes, desenhos, filmes, poesias, diálogos, debates, mapas, etc, que compreendem a investigação-ação (ou pesquisa-ação), onde priorizam métodos de análise, a participação dos atores sociais e o diálogo;

(4) Mapeamento: Será feito a partir do levantamento e registro das áreas representadas pelos alunos das escolas, suas especificidades e identidades, e sua relação com a paisagem um mapeamento de leitura da área, referente à análise dos elementos da paisagem, mancha urbana e características dos espaços livres público e áreas verdes;

(5) Organização e análise de dados: Todo o material coletado será analisado e organizado em um banco de dados, que será utilizado em relatórios e artigos, e alimentará a página web, a ser criada;

(4) Produção textual e relatórios: Ao final da pesquisa será produzido um relatório científico da pesquisa com a síntese do desenvolvimento e resultados obtidos, bem como possíveis caminhos a serem perseguidos referentes aos objetivos propostos. As referências bibliográficas, a análise documental e a prática participativa contribuirão para a elaboração de artigos científicos para publicação e a participação em congressos e seminários, que serão feitos pelos alunos e pesquisadores.

7 - METAS

Como resultado principal pretende-se proporcionar aos discentes e a comunidade envolvidos conhecimentos referentes ao direito da cidade e paisagismo, bem como registrar a paisagem através da perspectiva infantil com as práticas participativas. Busca-se estimular o conhecimento e reconhecimento da paisagem urbana da cidade de Santana do Araguaia-PA, consoante o mapeamento das áreas verdes e espaços públicos locais, entendendo a percepção da paisagem como fenômeno sócioespacial. Este projeto visa, também, corroborar com os métodos e técnicas de levantamento da percepção da paisagem e sua importância como subsídio a projetos e planos urbanísticos, bem como futuros projetos de planejamento urbano e políticas públicas para a cidade.

Através da captação e visibilidade das paisagens locais espera-se proporcionar, também, aos acadêmicos envolvidos a prática dos ensinamentos desenvolvidos nas escolas a partir de inúmeras manifestações artísticas, com suas mais variadas escalas de atuação. Além, é claro, de

poder contribuir na divulgação do papel da UNIFESSPA, criando um canal entre a comunidade e a Universidade para transmissão e produção de conhecimento e informação em conjunto com a população.

Por fim, mas não menos importante, será a criação de um banco de dados com informações que servirá como base para contínua investigação científica, bem como difusão e comunicação dos projetos de pesquisa do IEA/UNIFESSPA com a página web.

8 – BIBLIOGRAFIA

ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BESSE, J. M. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BORDENAVE, Juan E. D. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

____.Ministério do Meio Ambiente. **Parques e áreas verdes**. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/item/8051.html>>. Acesso em: jan. 2020.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: arte de fazer. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v 1.

COLCHETE, Antonio; PEDROSO, Emmanuel S. R.; BRAIDA, Frederico. **Áreas verdes em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, Funalfa, 2014.

COSTA, Ana M. Espaço Físico Urbano e a Participação Social: a importância da Compreensão dos Conceitos. **Revista de Direito da Cidade**, vol.06, nº01. ISSN 2317-7721 p.168-179, 2014.

CUNHA, Manuela C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n.75, p. 76-84, setembro/novembro 2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/13623-Texto%20do%20artigo-16598-1-10-20120517.pdf>>. Acessado em: set. 2019.

CURRY, Rex. Community design centers. In: BELL, Bryan. **Good deeds, good design**: community service through architecture. New York: Princeton Architectural Press, 2004.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. Política Nacional de Extensão Universitária. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, RS, 2012 (Coleção Extensão Universitária; v.7).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 59° ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRIEDMAN, Yona. **Utopie réalisable**. Edition Eclat : Paris, 2000 (1975).

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

HEIDEGGER, Martin. (1951). [Bauen, Wohnen, Denken] **Construir, habitar, pensar**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstad", publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/wpcontent/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pnsar.pdf>. Acesso em: ago. 2019.

JESUS, Marcos P. A.; RIBEIRO, Glória M. F. Considerações sobre o habitar cotidiano no pensamento de Martin Heidegger. "Existência e Arte" - **Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei** - Ano III - Número III - janeiro a dezembro de 2007.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989.

MAZZANTI, Giancarlo. Du projet social au sentiment de solidarité. In: CONTAL, M. (org.). **Ré-enchanter le monde**. L'architecture et la ville face aux grandes transitions. Paris: Manifestô Alternatives, 2014.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 32. N. 94. ANPOCS, 2017. p. 1-18.

MOCKBEE, Samuel. The role of the Citizen Architect. In: BELL, Bryan. **Good deeds, good design: community service through architecture**. New York: Princeton Architectural Press, 2004.

MONTANER, Josep Maria. **Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação**. São Paulo : Gustavo Gili, 2017.

PRONSATO, Sylvia A. D.. **Arquitetura e paisagem: projeto participativo e criação coletiva**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fupam, 2005.

ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

SENNETT, Richard. 1943 2ed. **Juntos**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

YOUNG, Robert. Red Feather development Group. In: BELL, Bryan. **Good deeds, good design: community service through architecture**. New York: Princeton Architectural Press, 2004.

PROJETO DE EXTENSÃO

9 - CRONOGRAMA DE ATIVIDADES (Relacionar as etapas de desenvolvimento do projeto)												
ATIVIDADES	ANO:											
	MESES											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Revisão Bibliográfica	X	X	X	X	X	X						
Coleta de dados e Seleção do público alvo das escolas			X	X	X							
Elaboração da metodologia a ser trabalhada (oficinas, cursos, aulas, etc.)					X	X	X					
Atividades com a comunidade externa							X*	X	X	X	X*	
Produção textual e criação de página web para alimentação e divulgação (instagram)									X	X	X	X
Produção do relatório final											X	X

X* - Atividade que será realizada perante confirmação do calendário escolar das escolas públicas da cidade.